

Fernando José Fagundes Ribeiro

A máscara

A máscara

Estátua alegórica ao gosto do Renascimento

A Ernest Christophe, escultor

Ah, contemplemos essas graças florentinas;
Na ondulação desses corpos musculosos
Abundam elegância e força, irmãs divinas.
Esta mulher, fragmento mesmo milagroso,
Divinamente forte, amavelmente linda,
É só para reinar em leitos suntuosos
E a um príncipe ou papa encantar muito ainda.

– E mais, note o sorriso fino e voluptuoso
No qual passeia o amor de si embevecido;
Zombeteiro e lascivo, esse olhar langoroso;
Esse rosto gentil, pela gaze envolvido,
Que cada traço diz com ar vitorioso:
"A Volúpia me chama e o Amor me coroa!"
A este ser dotado de tal realeza
Veja o charme excitante que a elegância doa!
Mais perto, circundemos sua alta beleza.

Oh blasfêmia da arte! oh surpresa fatal!
O tal corpo divino, promessa de gozo,
Por cima se termina em monstro bifrontal!

– Mas não! Máscara é só, um enfeite enganoso,
Esse rosto que anima uma doida careta,
E, vejam só, aqui, enrugada atrozmente,
A cabeça efetiva, e a sincera faceta
Invertida ao abrigo da face que mente.
Pobre e grande beleza! O magnífico rio
Do teu pranto no meu coração vem chegar;
Tua mentira embriaga, e nunca me sacio
Nessas ondas que a Dor do olhar teu faz brotar!

– Mas por que chora? Ela, beleza completa,
Que poria a seus pés todo o gênero humano,
Que misterioso mal rói seu flanco de atleta?

– É por que ela viveu que agora chora, insano!

220

* Fernando José Fagundes Ribeiro – Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF)

** Tradução vencedora do concurso promovido pela Revista XIX para compor este número especial sobre Charles Baudelaire. A comissão julgadora foi composta por Ivo Barroso, Denise Bottmann e Edson Rosa.

E também por que vive! Mas o que deplora
Mais, faz fremir até os joelhos, é que após,
É que ainda amanhã vai viver, muito embora!
Amanhã, e depois e sempre! – como nós!

Charles Baudelaire



Le Masque²

Statue allégorique dans le goût de la Renaissance

À Ernest Christophe, statuaire.

Contemplons ce trésor de grâces florentines;
Dans l'ondulation de ce corps musculeux
L'Elégance et la Force abondent, sœurs divines.
Cette femme, morceau vraiment miraculeux,
Divinement robuste, adorablement mince,
Est faite pour trôner sur des lits somptueux
Et charmer les loisirs d'un pontife ou d'un prince.

— Aussi, vois ce souris fin et voluptueux
Où la Fatuité promène son extase ;
Ce long regard sournois, langoureux et moqueur ;
Ce visage mignard, tout encadré de gaze,
Dont chaque trait nous dit avec un air vainqueur :
« La Volupté m'appelle et l'Amour me couronne ! »
À cet être doué de tant de majesté
Voir quel charme excitant la gentillesse donne !
Approchons, et tournons autour de sa beauté.

Ô blasphème de l'art ! ô surprise fatale !
La femme au corps divin, promettant le bonheur,
Par le haut se termine en monstre bicéphale !

— Mais non ! ce n'est qu'un masque, un décor suborneur,
Ce visage éclairé d'une exquise grimace,
Et, regarde, voici, crispée atrocement,
La véritable tête, et la sincère face
Renversée à l'abri de la face qui ment.
Pauvre grande beauté ! le magnifique fleuve
De tes pleurs aboutit dans mon cœur soucieux ;
Ton mensonge m'enivre, et mon âme s'abreuve
Aux flots que la Douleur fait jaillir de tes yeux !

— Mais pourquoi pleure-t-elle ? Elle, beauté parfaite,
Qui mettrait à ses pieds le genre humain vaincu,
Quel mal mystérieux ronge son flanc d'athlète ?

222

² Trata-se de o poema XX de *Les Fleurs du mal*, de Charles Baudelaire. Paris: Librairie Générale Française, 1999. (Le livre de poche), págs. 69-70.

— Elle pleure, insensé, parce qu'elle a vécu !
Et parce qu'elle vit ! Mais ce qu'elle déplore
Surtout, ce qui la fait frémir jusqu'aux genoux,
C'est que demain, hélas ! il faudra vivre encore !
Demain, après-demain et toujours ! — comme nous !

